

Série Cultura Contemporânea



MADONNA

Ícone da Pós-modernidade



Jock McGregor

Série **Cultura Contemporânea**

MADONNA

Ícone da Pós-modernidade

Jock McGregor



O Grupo Bíblico Universitário é uma Associação Juvenil de inspiração Cristã filiada na Aliança Evangélica Portuguesa que tem como objectivo conhecer, viver e comunicar a mensagem de Jesus Cristo nos estabelecimentos de Ensino Superior em Portugal. O GBU tem actividades organizadas em todo o país e dirige a sua acção à comunicação do Evangelho, ao estudo da Bíblia, ao desenvolvimento nos Jovens da formação para a responsabilidade e para a solidariedade.

O GBU é um movimento que procura manter e desenvolver o seu carácter interdenominacional, interdisciplinar e multicultural. Não é uma igreja, mas sim parte da presença e expressão da igreja. O GBU promove activamente uma cooperação franca com todas as igrejas locais de doutrina evangélica e está, de facto, dependente do seu apoio espiritual e material.

Somos uma Comunidade internacional: o GBU pertence a uma comunidade internacional de grupos com o mesmo propósito, missão e filosofia, a IFES - International Fellowship of Evangelical Students.

ficha técnica

Título original: Madonna, Icon of Postmodernity

Autor: Jock McGregor

Tradução: Marcial Felgueiras

Design gráfico: Design&

L'Abri Lectures, L'Abri Fellowship, 1990

Publicado em Portugal com a devida autorização

Lisboa 1999

Edição: Grupo Bíblico Universitário

Rua Rebelo da Silva, n.º. 45 - 1.º Esq.

1000-254 Lisboa

tel.: 213 578 036

gbu@gbu.pt

www.gbu.pt

Índice

QUEM É MADONNA?	06
MADONNA E O USO DA IMAGEM	08
MADONNA: REBELDE E ICONOCLASTA	11
MADONNA: OPTIMISTA E DIVERTIDA	12
MADONNA: INDIVIDUALISTA	12
MADONNA E AS SUAS OBSESSÕES	13
MADONNA E A PERDA DE IDENTIDADE	14
MADONNA E A CULPA	15
CONCLUSÃO:MADONNA E A CULTURA ACTUAL	15

Muitas pessoas poderão ficar surpreendidas com o assunto deste artigo. Sem dúvida, muitos cristãos questionariam o valor de investigar uma mera estrela da música 'pop' - o que é que poderíamos encontrar que fosse edificante? No entanto, Madonna é significativa e representativa da sua geração. Olhando para a sua vida e para o que ela simboliza podemos aprender muito acerca dos valores e fraquezas da nossa cultura. Pode ser até que aprendamos algo acerca de nós próprios.

Madonna tornou-se numa das cantoras femininas mais notáveis e de maior sucesso que o mundo já viu. O 'The Times' falou nestes termos em 1991: "As notícias de que a Madonna concluiu um negócio que a tornou a artista mais bem paga na história da indústria 'pop', confirmam apenas aquilo que já sabíamos, que é de ela ser neste momento a maior estrela do planeta." Até o conservador 'Sunday Telegraph' reconheceu-a como "o Ícone feminino da sua época".

Ela chegou à cidade de Nova York com 18 anos e 35 dólares no bolso. Apenas oito anos depois quebrou o recorde de vendas de bilheteira no 'Radio City Music Hall' em Nova York, com o esgotar mais rápido de qualquer concerto até então - esgotaram-se 17.622 bilhetes em apenas 34 minutos. Toda a digressão de promoção do seu álbum 'Like a Virgin', cobrindo 27 cidades em todos os Estados Unidos, esgotou em duas horas. Já teve sete 'singles' em número um, 26 'top fives', sete álbuns números um. A sua série de dezasseis 'top fives' nas tabelas Americanas quebrou o anterior recorde que estava na posse dos Beatles. Já vendeu mais de 85 milhões de álbuns em todo o mundo, mais do que qualquer outra cantora feminina na história. A sua fortuna pessoal é superior a 70 milhões de dólares. A Pepsi pagou-lhe cinco milhões de dólares por um único anúncio. Presentemente tem um contrato com a Time Warner cujo valor estimado é de 60 milhões de dólares. É verdade que a sua popularidade diminuiu no ano passado, mas Madonna dominou os anos 80 e a primeira parte dos anos 90 e não pode haver dúvidas de que ela é uma mega-estrela de sucesso fenomenal.

Mas ela tem sido tão controversa quanto tem sido um sucesso. O colunista Ray Kerrison do 'New York Post' disse isto acerca dela: "Ela fará qualquer coisa, dirá qualquer coisa, vestirá qualquer coisa, gozará com tudo, denegrirá qualquer coisa para atrair a atenção sobre ela e fazer dinheiro. Ela é o símbolo perfeito da sua época: auto-indulgente, sacrilégio, sem vergonha, oca". Michael Ignatieff diz o seguinte: "Eu não me importo de a ver em todas as capas de revista; Eu não me importo de certeza que ela seja obscena; Eu nem sequer me importo que ela não possa cantar, não possa dançar, não seja actriz e seja, mesmo assim, a pessoa mais famosa no planeta. O que não suporto acerca da Madonna é que ela pense

que é uma artista”. Cindy Crawford disse: “Eu não quero ver outra fotografia dela nua. Se uma pessoa tem assuntos para resolver com o papá, não o faz em frente de toda a gente”. Charles Brenner do ‘The Times’ diz que ela tem uma capacidade para assumir riscos para os quais não está preparada, juntando os pedidos ‘voyeuristas’ dos seus conterrâneos com a sua própria tendência para o exibicionismo”. E o Dr. Sam Jones do ‘New York Medical College’ disse: “Madonna é uma corruptora que leva as raparigas jovens e impressionáveis a deixarem os bons caminhos e a adoptarem um estilo de vida depravado e degradante”.

No entanto, a comunidade cristã é o sector mais ofendido por Madonna. O uso e abuso ofensivo de símbolos cristãos e o seu encenar constante de práticas sexuais depravadas fizeram dela uma pária entre os cristãos. O seu vídeo ‘Like a Prayer’ foi condenado pela ‘Moral Majority’ como blasfemo e a ‘American Family Association’ considerou-o ofensivo. Como resultado, muitas televisões americanas recusaram-se mesmo a exibi-lo. A sua digressão ‘Blond Ambition’ teve a oposição do Vaticano em Itália, e o seu vídeo ‘Justify my Love’ era tão ofensivo que a BBC e até a MTV nos Estados Unidos o baniram (isto diz alguma coisa!). Mas nem todos os cristãos têm sido hostis. O crítico de música Karl Dallas diz “...o que me impressionou foi o seu profissionalismo poderoso, o seu respeito pelas imagens que ela separava e reconstruía mesmo à nossa frente, e a sua profunda integridade. E o que é a blasfémia de qualquer forma? A mim parece-me sempre estranho ouvir esta acusação pronta nos lábios daqueles que se afirmam seguidores daquele que foi acusado desse mesmo crime... Até agora ela fez pouco mais que usar os talentos que Deus lhe deu, e desafiou algumas sensibilidades com eles. Para uma rapariga boa Católica, isto é notável por si só, e deve ser bem-vindo, não denegrido”. No entanto mesmo aquelas vozes que voltarem atrás para ver o que poderíamos apreciar no seu material, foram silenciadas pela publicação do seu livro no passado Natal. Intitulado ‘Sex’ e lançado com uma cobertura maciça dos media, contém algumas figuras muito explícitas de algumas das práticas sexuais mais degradantes que alguém pode imaginar. O facto de um livro tão pornográfico ter sido publicado pela ‘Time Warner’, vendido e promovido no Natal como livro de cabeceira, levou James Dobson a dizer, muito correctamente, que era “o acontecimento isolado mais ofensivo que alguma vez ocorreu na minha vida”.

QUEM É MADONNA?

Quem é então esta mulher notável, esta mulher controversa? Ela nasceu numa família de emigrantes italianos, Silvio e Madonna Ciccone, em 1958 no Michigan.

Ela ficou com o nome da mãe; não foi um nome de artista. Era a filha mais velha e a morte trágica da sua mãe, de cancro da mama, quando tinha apenas seis anos teve um grande impacto na sua vida. Madonna assumiu um papel de adulta ao ter que ajudar a tomar conta da casa e da família de oito crianças. O seu pai, um engenheiro muito trabalhador, lutou para cuidar deles e mantê-los unidos, mas foi quase inevitável que voltasse a casar, o que ele fez alguns anos mais tarde, e Madonna já admitiu ter-se ressentido amargamente contra a sua madrasta, Joan. A família era estritamente católica, e as crianças iam todos os dias à igreja na escola em que estudavam. A rigidez da sua educação católica dominou o início da sua vida e foi sem surpresa que ela começou a rebelar-se contra este ambiente, embora tenha que se dizer que quando ela era pequena era profundamente religiosa e queria ser freira. Enquanto a Madonna era lembrada por ser uma rapariga popular no seu liceu, tendo muitos amigos, ela admite ter-se sentido sempre como uma estranha na sua própria terra. As suas ambições para dançar tinham-se mostrado desde cedo, e, depois de pressionado, o seu pai permitiu que tivesse lições de ballet. Os seus professores reconheceram-lhe imediatamente os seus talentos e ela prosseguiu, conseguindo um lugar na Universidade de Michigan. Mas não concluiu o curso porque New York despertou-lhe a atenção, e com pouco mais que 35 dólares e uma bilhete de ida de avião ela viajou para a 'Big Apple' (nota de tradução: 'Grande Maçã' - como os americanos chamam a Nova York) com sonhos de estrelato. Arranjou trabalho em 'part-time' numa hamburgueria, ocasionalmente fez nus para modelos, e fez o circuito de clubes de dança de New York onde conheceu alguns DJ's e músicos talentosos - e assim deu-se início à sua carreira musical.

No entanto este artigo não tenciona ser uma análise da sua música ou carreira musical. Verdadeiramente não estou em posição para tal uma vez que eu não ouço a sua música e não sou de certeza um fã seu. Portanto não vou tentar avaliar os seus dotes artísticos ou credibilidade. Também não estou verdadeiramente interessado na 'verdadeira' Madonna. As pessoas tentam frequentemente olhar por detrás da máscara para encontrar quem é a verdadeira pessoa. De facto, como se tornará claro dentro de momentos, é precisamente a máscara, o Mito Madonna que me interessa. Finalmente eu não quero catalogar simplesmente todas as coisas não-cristãs ou imorais que ela acredita ou faz. Penso que essas são bastante óbvias.

O meu interesse surgiu a partir de uma pesquisa que li há um par de anos numa revista que classificava a Madonna como a heroína feminina número um entre os jovens. Um pouco mais tarde li outra pesquisa que perguntava a raparigas jovens quem é que elas tomavam como modelo para si próprias. As duas no

topo da lista eram Madonna e a Princesa Diana - um contraste de imagens notável. Isto provocou o meu interesse nesta mulher como ícone cultural; um produto e um símbolo da nossa época. Ícones são imagens religiosas colocadas para a devoção das pessoas e, como tal, elas representam aquilo a que estamos devotados, os nossos ideais e valores mais elevados. Quando a Madonna lançou o seu 'single' 'Material Girl' em meados dos anos 80, muitos documentaram o facto de ela estar a epitomar o espírito da década - o materialismo dessa época. De facto penso que a Madonna ainda é mais representativa que isso. O que então eu quero olhar é a mitologia de Madonna, algumas das suas características principais, e mostrar como elas funcionam como espelho para nós próprios; um espelho para a nossa geração e a nossa cultura.

MADONNA E O USO DA IMAGEM

O primeiro aspecto de Madonna que atinge uma pessoa é o seu uso da imagem. Madonna vive do cliché em que o meio como as coisas são transmitidas é a mensagem. Por causa do seu sucesso e do seu esforço ela tem o controlo total sobre os seus espectáculos. Ela escreve todas as canções, produz todas as canções, faz as coreografias e dança ela mesmo, desenha o palco e até desenha os seus fatos e faz a sua própria maquilhagem. Ela controla, obsessivamente e absolutamente, todos os aspectos do seu espectáculo. E não apenas os seus espectáculos mas tudo o que ela faz, mesmo os filmes em que participa - refletem todos uma imagem calculada. Ela também é muito inteligente no uso da publicidade, anúncios, e dos media para vender a sua imagem. Martin Amis comentou acerca dela nos seguintes termos; "Ela é o fenómeno pós-moderno da auto-suficiência. Até a sua publicidade é publicitada. Um golpe de mestre de ilusão controlada". Richard Morrison, do 'The Times' diz isto acerca dela: "Os tipos de Madonna e Jackson procuram oferecer aquilo a que podemos chamar apenas a experiência egocêntrica total: eles controlam todos os aspectos dos seus actos e estão dispostos a dissolver a linha onde termina a arte e começa a realidade. Os seus actos incorporam as suas vidas privadas e vice-versa". Isto é central, não apenas para a Madonna, mas para a nossa cultura - este confundir de imagem com realidade. A fusão da pessoa pública e da privada, o dissolver das diferenças, de maneira a que tudo se torna numa imagem e a realidade desaparece no seu meio. A vida de Madonna anda toda à volta da apresentação da sua imagem.

Um 'clip' do documentário da sua digressão 'In bed with Madonna' mostra Madonna a ir ao médico para verificar a sua voz. A câmara está o tempo todo com

ela, documentando tudo o que se está a passar. O namorado dela na altura, Warren Beatty, comentou com grande perspicácia na altura. Quando o médico pergunta “Quer falar alguma coisa com a câmara desligada?” e ela declina, Beatty diz “Porque é que tu queres dizer qualquer coisa com a câmara desligada? Que vantagem há em existir? Ela não quer dizer qualquer coisa com a câmara desligada; ela não quer viver com a câmara desligada”.

Madonna é, de várias maneiras, uma vítima da sua própria imagem. Vive totalmente cercada pela realidade da imagem construída artificialmente. Esta é outra razão pela qual não estou interessado na Madonna real por detrás do mito, porque não creio que exista uma. Penso que já se perdeu tanto na imagem que a diferença é imaterial. E não está sozinha nisto. Pensem apenas nos desenvolvimentos tremendos da nossa era da tecnologia e do impacto dos media nisso; a imagem está a dominar cada vez mais as nossas vidas. Na política o estilo substitui o conteúdo. No comércio a promoção e a embalagem substituem a qualidade, na sociedade a aparência substitui quem somos, a forma substitui o conteúdo, a apresentação exterior substitui a realidade interior. Muitas pessoas vivem as suas vidas através da televisão, através das novelas, através dos ídolos do desporto. Alguns juntam-se a unidades subculturais, onde adoptam a imagem desse grupo. Os ‘gangs’ são vistos como um extremo, mas há outras unidades subculturais onde o indivíduo é submergido pela imagem colectiva. As coisas que dizemos ou fazemos são todas externas, mas o teu real ser está perdido. Como a Madonna, vives apenas na imagem.

Mas no uso da imagem de Madonna há outro aspecto importante: a mudança constante. Ela está sempre a mudar a imagem, seja da menina boazinha que se fez má, ou a virgem de branco; de Marilyn Monroe à ‘gangster’ dos anos 20; de uma nova-‘hippy’ a uma rainha cheia de estilo; de um frio ‘robot’ andrógena a um ‘sex symbol’ nu. A sua capacidade para mudar de imagem a cada dois anos tem fascinado o mundo e isto é parte do seu sucesso. Jeffrey Katzemberg, que é o presidente da direcção dos estúdios da Walt Disney diz: “Ela está sempre a revelar algo: ela nunca está parada. Cada dois anos ela surge com um visual novo, uma nova maneira de se apresentar, uma nova atitude, uma nova encenação, um ‘design’ novo. E de todas as vezes é um sucesso. Há este génesis constante. Quando uma coisa destas acontece uma vez, OK, pode ser sorte. Duas vezes é coincidência. Três vezes é um talento notável. Uma espécie de génio. E Madonna vai na sua quinta ou sexta vez”. E claro que isto uma vez mais reflecte a nossa cultura. Nós estamos sempre em busca do novo, a mudar sempre de uma imagem para a seguinte, mudando para satisfazermos as necessidades pragmáticas do momento, ou desvinculando-nos do velho quando se torna aborrecido, exigente ou problemático.

Mas num terceiro ponto o uso da imagem pela Madonna ainda é mais complicado e vai mais longe, porque enquanto ela vive nas suas imagens, ela recusa identificar-se completamente com elas. Ela diz: “Eu faço tudo com um piscar de olhos” e podem ver que no final do ‘vídeo clip’ da canção ‘Holiday’ ela pára e enfrenta a audiência e pisca-lhes o olho. Este tipo de jogo surge em tudo o que ela faz - as suas auto-imitações nos seus filmes, as letras com duplo sentido, os diferentes níveis de significados e as ironias que ela usa vez após vez. Quando as pessoas a acusam de algo ela responde ‘Bem, tu não compreendeste, é tudo irónico... não leves isso muito a sério’. No entanto, por outro lado, ela quer que nós acreditemos que a imagem é real - ela diz “O que vês é o que é, não estou a esconder nada”. Então ela faz o vídeo ‘In Bed With Madonna’, um documentário que revela tudo. A atitude é: ‘Deixem a câmara filmar, eu não tenho nada a esconder’.

Uma vez mais estas jogatanas, este jogar com as imagens, vivendo no mundo da imagem por um lado, e sem nunca se comprometer com o mesmo por outro, é um reflexo da nossa cultura. É particularmente assim no que se passou a chamar a sociedade pós-moderna: onde perdemos a fé na verdade absoluta e objectiva. Perdemos a nossa crença de que há uma história abrangente acerca da vida, algum significado abrangente para a vida, que seja absolutamente verdadeiro para todos os tempos e todas as pessoas. É tudo dependente de uma perspectiva subjectiva, dependendo de onde nos encontramos. Gira tudo à volta do mundo que criamos para nós próprios. Não há uma realidade objectiva, há apenas imagens, imagens diferentes. Mas se não há uma realidade objectiva e se não há um absoluto, então de certa maneira estamos prisioneiros numa situação de podermos apenas viver uma imagem. Podemos viver apenas a partir de onde nos encontramos; nunca podemos conhecer qualquer outra coisa de fora. Podemos apenas ver o mundo a partir de onde nos encontramos, a partir desse contexto, dessa sub-cultura, desse grupo linguístico, dessa realidade construída, dessa imagem.

E então Madonna fica num local, numa imagem, mas nunca se pode comprometer com esse local, claro, uma vez que ela percebe que com o tempo estará noutra local. Portanto não há comprometimento. Mas por outro lado nunca consegue fugir da imagem porque não há realidade objectiva. Este é o dilema da pós-modernidade. O dilema é que não há um lugar onde possamos estar todos e dizer que é real, que este é o verdadeiro significado, que isto é o que é, que este sou eu. Como tu estás permanentemente apanhado na tua subjectividade, estás sempre apanhado nas imagens. No entanto, tu podes mudá-las... de facto não podes evitar mudá-las e então porquê comprometermo-nos com algo que vai mudar, que não é absoluto. Temos então esta ambivalência - por um lado nunca

consegues escapar duma imagem, mas por outro lado nunca consegues comprometer-te com a mesma.

Graham Cray, um escritor cristão popular, afirmou perceptivamente: “a Madonna é o exemplo mais visível do que pode ser chamado Pós-Modernismo. Este termo, muito usado mas raramente definido, relaciona-se com a perda de confiança no moderno e no progresso futuro, e resulta numa pesquisa do passado e de outras culturas para a base de um novo conjunto de valores e de um padrão de vida. Um comentador de Madonna disse que o Pós-Modernismo deveria chamar-se antes “‘centro comercial’ - o mundo e toda a história num grande super-mercado, e tu podes escolher os ingredientes que queres e misturá-los na tua própria versão de alguma coisa”.

Então como se vê não há uma verdade global, não há uma narrativa única. Há apenas pessoas a viver em sub-culturas diferentes, e tu podes viver ao lado e despojá-las, pegar no que quiseres e criar a tua cultura. Cray continua “Isto é precisamente o que Madonna fez e, claro, imagens cristãs estavam no topo da sua lista de compras. O fenómeno Madonna pode ser apenas entendido como o desenvolvimento lógico de uma sociedade que perdeu um conjunto de valores e ainda não encontrou outro”. Perdemos o contacto com a realidade objectiva e andamos à deriva nas imagens.

MADONNA: REBELDE E ICONOCLASTA

Deixem-me agora identificar outras tendências que podemos aprender da Madonna. A segunda coisa a tomar nota é o facto de ela se apresentar muito como uma rebelde e uma iconoclasta com uma necessidade de chocar vez após vez. Está constantemente a rebelar-se contra qualquer forma de autoridade, seja o seu pai, a igreja ou a classe média. Ela descreve-se a si própria como uma revolucionária sexual. Uma vez mais nota-se a prevalência do anti-herói na nossa cultura. O rebelde é sempre o herói moderno, sempre o anarquista, sempre aqueles que derrubam a grande estrutura, quebrando-a, desconstruindo-a. Na sociedade pós-moderna qualquer autoridade, qualquer estrutura, qualquer dogma, que reclame as suas bases em absolutos, é imediatamente sujeita ao ridículo e à subversão.

MADONNA: OPTIMISTA E DIVERTIDA

Em terceiro lugar o tom de Madonna é sempre bem batido e gosta de divertimento. A sua música é dançante, é energética, vibrante. Ela desculpa tudo o que faz com um simples piscar de olhos - 'Eu não estou verdadeiramente a sério' - mas também com - 'Ei, vá lá, não te tornes muito sério acerca das coisas, vamos divertir-nos'. E porque não, porque temos apenas duas escolhas quando estamos apanhados nas imagens: ou desesperamos, que foi o que as pessoas fizeram nos anos 60 e 70 quando olharam para as coisas sem sentido; ou dizemos 'bem não há verdade absoluta, não há saída da armadilha das imagens, então porque não relaxarmo-nos e divertimo-nos com isto. Escolhe uma imagem, diverte-te com ela, e quando se tornar aborrecida e já não funcionar mais para ti, então adopta outra imagem'. E tudo isto divertindo-nos - uma desesperada diversão constante. Madonna diz do seu livro 'Sex' que chocou tantas pessoas: "É uma fantasia. É a fingir, OK? Quando escrevo este livro convido as pessoas a perderem-se num mundo de fantasia, a terem um bom tempo e a divertirem-se com isso". Isto é o que ela diz acerca destas imagens horríveis - "divirtam-se com isso".

MADONNA: INDIVIDUALISTA

Em quarto lugar o que também flui desta perspectiva pós-modernista é um individualismo radical. Tens-te apenas a ti, o teu próprio mundo pequenino a partir do qual tu podes olhar. Não tens uma realidade exterior onde possas encontrar coisas em comum com outras pessoas. É tudo acerca de ti próprio; a tua realização pessoal. Tu crias a imagem, tu crias a tua vida e o teu mundo à tua volta. Consegues o sucesso pelas tuas escolhas e o teu esforço. A Madonna tem tido um sucesso tremendo devido à sua tremenda ambição. Uma completa viciada no trabalho, ela trabalha até à exaustão em tudo o que ela faz. Construindo a sua vida, construindo a sua imagem, construindo a sua carreira... é a ambição e o 'carreirismo' levados até à última. Mas que outras escolhas é que ela tem? Há apenas a realidade que ela escolheu, não há 'lá fora' uma realidade comum da qual possa fazer parte. Tens apenas as tuas escolhas e o teu eu que tu criaste - auto-realização, individualismo.

Juntamente com isto, vem a manipulação cínica das pessoas, e as histórias acerca da maneira como a Madonna usa as pessoas para conseguir o que ela quer são simplesmente horríveis. Mas como tudo roda à volta dela própria não há razão para considerar os outros. Eles estão ali apenas para alimentá-la, para ajudá-la a criar a sua própria imagem. Boy George diz: "Ela é obcecada com a

sexualidade porque é a sua arma mais poderosa”. Ela não é apenas depravada ou inebriada com o sexo; para ela é uma arma para conseguir o que ela quer. Quando ela começou o seu trabalho as feministas detestaram-na. Elas diziam que ela tinha que se livrar da velha feminilidade que os homens usavam contra as mulheres, mas ela promovia coquetices, provocava, namoriscava e brincava ao objecto sexual. No entanto, o que se passa é que ela venceu as feministas porque o que ela está a dizer é: ‘Vamos ser femininas, vamos namoriscar e vamos usar isso para obtermos o que queremos. Não vamos ser usadas mas vamos usar’. Ela diz o seguinte: “Beleza é só um meio para um fim. Eu quero governar o mundo. Marilyn Monroe foi uma vítima, eu não sou”. Então ela está a usar as mesmas armas que a Marilyn Monroe tinha - sexualidade, feminilidade - mas ela está a usá-las agora, manipulando-as para os seus próprios fins. E eu penso que isto reflecte precisamente o que se está a passar na nossa sociedade, uma manipulação cínica dos atributos que Deus nos deu, quer seja a nossa sexualidade, quer beleza, força, habilidades ou intelecto. Nós exploramos-los numa perseguição dos nossos próprios objectivos individuais. A Madonna tem tido muita críticas negativas pela maneira como ela tem usado as pessoas, mas ela rejeita tudo isso - a carreira é tudo. Os relacionamentos são apenas engolidos por esta paixão obsessiva pela auto-realização. E agora as feministas adoram-na; ela é uma mulher no poder.

MADONNA E AS SUAS OBSESSÕES

Em quinto lugar, juntamente com o individualismo, vêem-se um conjunto de obsessões na Madonna, que reflectem obsessões que vemos na nossa própria cultura. Há a sua obsessão física, que em parte reflecte da sua orientação pela imagem, porque imagem é acerca do que é exterior. Em muitos aspectos ela é um bom exemplo - não toma drogas, nunca bebe álcool, corre 7,5 Km por dia, trabalha com muito empenho e tem uma dieta cuidadosa. De facto é obcecada em manter-se em forma. Quando escreveu o livro ‘Sex’, esperou que o seu corpo estivesse em forma, para que ela própria pudesse ser a modelo. Uma vez mais isto reflecte a nossa cultura. Somos uma cultura obcecada pelo físico. Pensa na preocupação constante pela forma física, pela dieta, pela aeróbica, e algumas das coisas pouco saudáveis como desordens alimentares. Estas coisas vêm à superfície porque as pessoas na nossa cultura estão obceçadas com a sua imagem física.

Madonna é também sexualmente obcecada. Ela diz: “No mundo, praticamente tudo é centrado à volta da atracção sexual e do poder sexual”. O sexo é um meio

para o poder e o poder é um meio para a auto-realização. É uma abordagem desavergonhada à obsessão sexual, uma espécie de decadência do desenhador. Não algo que é escondido mas antes algo que é usado e explorado com estrondo. Os seus limites, no que diz respeito a sexo são 'violação é errado' e 'usa um preservativo'. De resto, vale tudo. Este tema tem sido uma constante em toda a sua música, os seus filmes e tudo o resto. Uma vez mais, representa a nossa cultura com muita eficiência.

Nos anos 60 tivemos a revolução sexual. Livrámo-nos da sensibilidade Vitoriana e tornámo-nos abertos e honestos acerca de nós próprios. Julgávamos que uma vez que tudo estivesse às claras nós estaríamos todos satisfeitos com a nossa sexualidade e tornar-se-ia apenas matéria-de-facto e natural. Esse foi o sonho. Mas o que é que aconteceu na realidade? Nos Estados Unidos a indústria pornográfica é uma indústria de um bilião de dólares, cujo retorno anual é maior que todas as fábricas de carros da América juntas. O aluguer de vídeos de sexo excede todos os alugueres de outros vídeos. Não passámos a encarar a nossa sexualidade normalmente. Tornámo-nos cada vez mais obcecados. A tão falada liberdade levou-nos a uma espécie de escravidão decadente.

MADONNA E A PERDA DE IDENTIDADE

Em sexto lugar a Madonna revela uma perda de identidade. Por detrás de toda esta correria, ambição, sucesso, carreira, fama, ela perdeu-se a si mesma. Ela está vazia e perdida. Tal como admite no seu comentário, rodeia-se de pessoas com necessidades emocionais: "Tenho por meu alvo na vida ser amada por muitas pessoas". Uma vez mais Graham Cray comenta: "Algumas coisas são, no entanto, claras, por detrás da imagem. Primeiro, como já afirmámos, ela vive em reacção à sua infância e educação religiosa. Em segundo lugar, é claramente conduzida, ou auto-conduzida. Ela relaciona isto não com a rebeldia contra o seu pai, mas com a perda da mãe. 'Quando a minha mãe morreu, de repente eu ia tornar-me a melhor estudante, obter as melhores notas; eu ia tornar-me a melhor cantora, a melhor dançarina, a cantora mais famosa no mundo. Toda a gente ia gostar de mim.' 'Sou uma pessoa muito atormentada. Estou a lutar com muitos demónios, mas quero ser feliz'". É muito comovente olhar para esta mulher em toda a sua decadência, em todo o seu sucesso e descobrir por debaixo de tudo isto uma pessoa tão perdida, triste e só. Isso reflecte mesmo a nossa cultura. Vemos pessoas perdidas na imagem. Estridentemente, agressivamente, exigentemente usando e abusando, empurrando e enxotando - no entanto, no fundo... eles estão perdidos.

MADONNA E A CULPA

A sétima área a ver é talvez a menos óbvia: é a área da culpa. Madonna tem claramente algo de obsessão religiosa. Em toda a sua música e no resto, ressurgem os temas religiosos vez após vez. Ela tem dito: “A minha educação Católica é provavelmente a fundação de tudo o que faço”. “Uma vez Católica, é-se sempre Católica em termos dos teus sentimentos de culpa e remorso, e quer se tenha pecado quer não. Por vezes sou torturada com culpa... Estás sempre a esforçar-te por ser boa”. Agora isto pode parecer muito longe da nossa cultura barulhenta e imoral; culpa não é uma palavra que se encontre frequentemente nos editoriais. Mas eu penso que somos uma cultura que é torturada pela culpa. Não no sentido de termos falhado em viver de acordo com os padrões de Deus, mas antes que falhámos em viver de acordo com os nossos próprios padrões. Não interessa o quão duro tenhamos trabalhado, não interessa o quão tenhamos controlado as imagens pelas quais vivemos e que nos dão significado, nós sentimos e sabemos que falhámos; não vivemos ao nível das nossas próprias expectativas. E a Madonna é conduzida, de certeza, por esta culpa: “Estás sempre a esforçar-te por ser boa”.

CONCLUSÃO: MADONNA E A CULTURA ACTUAL

O que é que junta a nossa cultura com os comentários que fiz acerca da Madonna?

1. Penso que em primeiro lugar é a ideologia do pós-modernismo. Tendo abandonado a verdade absoluta, o sentido de uma narrativa que dê sentido a toda a vida, nós perdemo-nos naquilo que alguém descreveu como uma ‘indeterminância brincalhona’. É indeterminado no sentido de que ninguém conhece realmente a Verdade, cada um está resignado a viver na imagem da sua subcultura, mas que mesmo assim continua brincalhona. Mas que desespero, que espécie desesperante de abundância de brincadeira, que gargalhada em frente ao vazio. Alguém chamou-lhe correctamente ‘Nihilismo com um sorriso’. Nisto Madonna serve claramente como um ícone da Pós-modernidade. Martin Amis disse que ela é talvez a personagem mais pós-modernista no planeta.

2. O segundo laço que junta estes comentários é a psicologia de adolescência. Considerem aquelas características que todos reconhecemos serem parte da adolescência. Rebelião: resolução dos relacionamentos com os pais e autoridade. A perseguição do divertimento: gratificação imediata. Inconstância e falta de compromisso. Idealismo. Mas estas coisas não são negativas, não são erradas, nem a adolescência o é. Não estou a sugerir que é, de alguma forma, inapropriado

ser um adolescente, mas o objectivo é sempre passar pela adolescência em sentido à maturidade, não será assim? Pelo menos no passado era esse o objectivo. No entanto, com a Madonna, encontramos alguém que está enfiada de muitas formas na adolescência, incapaz de seguir em frente para a maturidade - enfiada na rebelião; enfiada na resolução do seu relacionamento com os pais; enfiada numa busca sem descanso de divertimento e gratificação imediata; enfiada em inconstância e falta de compromisso; enfiada num idealismo ingénuo acerca de ser uma revolucionária sexual e mudar o mundo. Infelizmente a nossa cultura segue este padrão.

Na nossa cultura a adolescência não está apenas relacionada com o poder gastador nos jovens. As pessoas não estão a crescer porque não têm nenhum modelo em direcção ao qual possam crescer. Não têm uma única imagem do que é um adulto. Não têm uma única imagem da verdade, uma verdade abrangente onde possam crescer. Por isso continuam nos jogos, os jogos do faz-de-conta, os jogos de imagens, os jogos que as crianças brincam. Não há uma única imagem para a qual crescer. Não há uma realidade única que nos dê um enquadramento que possamos desejar ou usar para resolver a nossa fase de rebelião, a nossa inconstância e tudo o resto, para depois então nos comprometermos. É disso que se trata o crescimento: compromisso com algo, com um padrão de vida, com um relacionamento, com responsabilidades, com a Verdade. Mas como é que podemos fazer isso numa realidade pós-moderna. Continuamos todos crianças, jogando jogos diferentes.

É claro que em Cristo, temos uma imagem, dentro da qual podemos crescer. No Cristianismo temos a verdade que estabelece um enquadramento que é absoluto, e que, portanto, não muda. E não se trata de imagem, trata-se de realidade e isso é algo no qual podemos crescer e tornar-nos pessoas reais. Claro que haverá sempre imagens e que podemos divertir-nos nisso. Nós vemos filmes e brincamos às charadas, vamos ao teatro e lemos boa literatura. Não há mal nenhum nisso. Mas quando é apenas imagem e não há realidade, então estamos perdidos e ociosos.

Mas podemos reclamar a realidade; a realidade que está baseada na verdade da existência de Deus, a Sua Palavra para nós, a Pessoa de Cristo... estas verdades podem dar-nos raízes, dar-nos realidade nesta vida. Libertar-nos de todo o vazio desta cultura da imagem, é isso que queremos oferecer à nossa cultura, é isso que queremos oferecer aos nossos amigos não-Cristãos e é isso que queremos viver nós mesmos.